

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

ANNO VIII

Em Aveiro: 50 números, 1\$000 réis; 25 números, 500 réis.
Fora de Aveiro: 50 números, 1\$125 réis; 25 números, 570 réis. Brazil (moeda forte) e Africa Oriental, 50 números, 2\$000 réis.—Pagamento adiantado.

Publica-se aos domingos

PUBLICAÇÕES

Annuncios, cada linha, 15 réis; no corpo do jornal, cada linha, 20 réis; annuncios permanentes, preços convencionaes. Numero avulso, 20 réis, ou 100 réis no Brazil.—Redacção e administração, rua da Alfandega, n.º 7.

N.º 377

Aveiro

AOS COMICIOS

Realisa-se no dia 7 do proximo mez de abril, pelas 10 horas da manhã, no vasto armazem do Rocio, já conhecido do publico, o primeiro dos comicios que se vão effectuar n'esta cidade para representar ao parlamento contra a conducta illegal, arbitraria e despotica do sr. ministro do reino, conservando ainda como governador civil substituto d'este districto Manuel Firmino d'Almeida Maia, não obstante os crimes vergonhosos de que este homem é accusado, e sancionando todos os attentados e desrespeitos á lei, á liberdade e aos direitos publicos que ha muito tempo se veem praticando n'esta terra.

E' indispensavel que o povo corra em massa a protestar contra tantas, tão grandes e tão ultrajantes villanias que se teem committido entre nós. O povo sabe perfeitamente o que se passa. Na eleição da Santa Casa da Misericordia praticou-se um attentado enorme a um dos mais sagrados direitos do povo, o direito do voto. Um miseravel que arrasta para abi a dignidade suja de quarteleiro da companhia dos malandros, lançou na urna, por ordem de Manuel Firmino d'Almeida Maia, um maço de listas a fim de inutilisar a victoria dos liberaes. Não contentes com isso, um bando de faccinoras, postados na egreja por determinação expressa do referido Manuel Firmino d'Almeida Maia, e obedecendo aos signaes do infame quadrilheiro José Maria Barbosa de Magalhães, esse bandido que depois de ter falsificado, a troco d'uns miseros cobres, certidões d'exames de instrução secundaria no lyceu de Vizeu, compromettendo um pobre homem que teve a ingenuidade de depôr confiança no villissimo farçante, se tem locupletado á custa do povo em negociações sujas e tão immundas como o caracter d'este miseravel; esse bandido, que recebeu, com José Eduardo d'Almeida Vilhena, a suprema affronta de dois cavalleiros dignissimos o terem considerado indigno de se bater com um homem de bem, e que não teve a coragem de repellir a affronta: não contentes, como iamoz dizendo, de mandar inutilisar a eleição, que era a genuina representação da vontade popular; não contentes de terem riscado cem eleitores dos cadernos do recenseamento dos irmãos da Misericordia; não contentes de mil traficâncias para arrancarem ao povo a victoria que lhes pertencia; não contentes com isso, o bando de faccinoras arrancou a navalha infame e aos signaes de José Maria Barbosa de Magalhães, pretendeu enterra-

lhaes, pretendeu enterra-lha nos cidadãos que acabavam de commetter o crime nefando de repellir a affronta cuspidá na memoria sagrada de José Estevão por maldade de quadrilheiros de consciencia negra!

Foi uma das maiores poucas vergonhas dos ultimos annos. Pouca vergonha contra a qual protestou toda a imprensa portugueza, contra a qual se ergueu toda a opinião liberal do paiz. Entretanto, que satisfacções foram dadas á liberdade nacional, tão atrozmente offendida pelo bando de sicarios que obedecem ás ordens do governador civil substituto d'este districto?

Uma commissão de representantes da cidade de Aveiro procurou na Figueira o sr. ministro do reino para lhe pedir justiça. E o que fez esse filho desnaturado da nossa terra?

O sr. ministro do reino mentiu. O sr. ministro do reino ludibriou o nobre povo de Aveiro.

Mentiu, porque prometteu syndicar dos actos de Manuel Firmino d'Almeida Maia, e em lugar de syndicar mandou defender o bandido no *Correio da Noite*, ao mesmo tempo que perseguia, e que no mesmo papel ultrajava, os cidadãos aveirenses que zelaram o bom nome da sua patria e que defenderam a memoria sagrada de José Estevão.

Ludibriou o nobre povo de Aveiro, porque em lugar da justiça que se lhe pedia, cobriu os bandidos com a sua capa poderosa de presidente do conselho, a mesma que outr'ora foi coberta de lama e cheia de nodos pelos que accusaram José Luciano de Castro de ter batido em seu proprio pae e de se ter vendido aos contrabandistas e aos adversarios do barão de Moreira.

Haviamos de nos curvar a tantas infamias, e aceitar no lombo, como escravos, as chicotadas d'esses senhores?

O povo que o diga. Mas os descendentes honrados de José Estevão, que ainda ha pouco tão exaltados foram pela imprensa do paiz, não teem feito d'escravos, nem geito d'ennuchos.

Esse é um dos attentados que importa repellir e vingar. O povo saberá no dia 7 bradar bem alto pelas suas regalias, pelas suas conquistas liberaes, pelo seu direito de voto tão infamemente e tão impunemente offendido.

Outro, não menos offensivo nem menos ultrajante, diz respeito á liberdade individual. Referimo-nos ao caso de Joaquim Chia, o surdo-mudo de Ovar.

E' positivo o que nos dissemos no ultimo numero. O processo de Joaquim Chia foi archivado, com uma promoção do honrado, austero, independente e dignissimo agente do ministerio publico, elegiando Manuel Firmino d'Almeida Maia! O ministro do reino tomou sobre si a responsabilidade da prisão do surdo-mudo!!! E afirmam no processo outros documentos preciosissimos, os quaes publicaremos em breve.

De fórma que nem liberdade eleitoral, nem liberdade individual, nem coisa nenhuma. Riscam-se centenas d'eleitores dos cadernos do recenseamento; lançam-se punhados de listas dentro das urnas quando a victoria pertence á opposição; perseguem-se os funcionarios que, fiados na lei, deitam livremente os seus votos; eliminam-se da lista dos quarenta maiores contribuintes os que o são realmente; praticam-se falcaturas sem nome no recenseamento militar e no sorteamento, para irem para soldados os desprotegidos e ficarem livres os afilhados; encerram-se nas enxovias os pobresinhos que cahem em desgraça aos mandões do districto; e se por acaso se pedem providencias e justiça, os tribunaes, que são d'elles, ainda perseguem os que reclamam, ao par e passo que absolvem todos os crimes e todas as patifarias dos bandidos.

Quer dizer, em Marrocos, ou no interior d'África, não se procede nem se faz peor do que se faz n'este paiz e n'esta terra.

Emfim, para cumulo de patifarias e ultima prova de que o sr. José Luciano de Castro não tem vergonha nem dignidade nenhuma, abi temos nós as tropelias e desacatos committidos no recenseamento eleitoral e a entrada de José Eduardo d'Almeida Vilhena para director politico do *Correio da Noite*. As tropelias do recenseamento demonstram á evidencia que se torna necessaria uma acção energica e decisiva para esmagar a companhia dos malandros. O segundo facto é o complemento dos insultos feitos á cidade de Aveiro por José Luciano de Castro, que, tendo-nos promettido justiça, cada vez zomba com mais audacia da nossa ingenuidade, dispensando aos quadrilheiros a mais escandalosa protecção e o mais inaudito favoritismo.

E' um ministro sem vergonha. E' um ministro indigno. Que admittre como seu conselheiro fatimo, que dá provas da maior solidaria e da mais funda confiança áquelle que o accusou de ter batido em seu proprio pae; de se ter vendido aos adversarios do barão de Moreira; de ter feito causa commum com os moedeiros falsos e contrabandistas.

Cidadãos:

Abaixo os quadrilheiros, abaixo os ladrões. Fora com os lazarentos que invadiram esta terra, fora com a ignominia que nos querem impôr.

Os miseraveis atreveram-se mesmo a insultar-nos e a ameaçar-nos com a violencia nos comicios. E' um expediente torpe, que mira unicamente a afastar, pelo terror, a concorrência dos comicios, ou a dar pretexto á auctoridade para o prohibir.

Cidadãos:

Serenos no nosso direito e na lei, marcharemos até ao fim, como marchamos no ultimo verão. Não venceremos hoje, mas venceremos inevitavelmente amanhã, ou, pelo menos, lavraremos um protesto eloquentissimo da grandeza do nosso caracter

e da pureza das nossas convicções liberaes.

A'vante. Corramos em massa ao comicio. Que ter medo das ameaças dos vis quadrilheiros, dos insolentissimos canalhas, dos infamissimos poltrões, seria a nota mais degradante e mais ridicula do brilhante movimento, ha um anno iniciado, e que tem engrandecido e honrado Aveiro.

A'vante. E seja o nosso grito:

**Morra a quadrilha!
Viva a Liberdade!**

O nosso illustre Catão, delegado do procurador régio, acompanhado d'outros individuos, supplicou ao Justus que não pozesse em pratica a sua resolução de sahir d'Aveiro.

Chama-se a isto:—entalção d'amigo!

Pois se elle ha de ser corrido quando a situação mudar, porque não ha de mais audazmente e mais commodamente pôr-se ao fresco desde já?

Se o illustre Catão, em lugar do conselho, tomasse para si a sabia resolução d'ir tambem fazendo as malas, era sem duvida mais amigo e mais prudente.

Então, não se julgam em paiz conquistado, os diabos dos homens?!

UM CANALHA

Em 12 d'outubro do anno passado, encarregou o nosso amigo, sr. Francisco Christo, os nossos outros dois amigos Antonio da Silva Pereira e Francisco Augusto da Fonseca Regalla, de pedirem uma reparação pelas armas ao auctor d'um artigo publicado no *Campeão das Provincias*, artigo em que o sr. Christo via offensas ao seu caracter. Os srs. Regalla e Silva Pereira responderam com a seguinte carta, já publicada n'este semanario, mas que é conveniente reproduzir hoje:

III.º e ex.º sr. Francisco Manuel Homem Christo.

Nosso amigo:

A' carta de v. ex.ª, datada de Mafra, em 12 do corrente mez, cumpre-nos responder o seguinte:

Sabe-se geralmente que o director do *Campeão das Provincias* é José Eduardo d'Almeida Vilhena e ha todas as probabilidades de que o auctor do artigo, a que v. ex.ª se refere na sua carta, seja elle, ou José Maria Barbosa de Magalhães.

Sendo assim, depois das affrontas que a imprensa local tem ultimamente dirigido a estes individuos, sem que elles tenham procurado desaggravar-se, entendemos que não é digno de nenhum homem que se preza, pedir-lhes explicações ou reparações.

Demais o 2.º dos signatarios d'estas linhas é um dos que publicamente os affrontaram e a quem até hoje não pediram a responsabilidade de similhante facto.

Pelo que fica exposto vê v. ex.ª que nos achamos inhibidos por todos os principios de cava-

leirismo, de tratar negocios de honra com taes individuos.

Para o caso, porém, de v. ex.ª não concordar com a nossa opinião e querer dar a outros a missão de que não podemos encarregar-nos, é do nosso dever dizer a v. ex.ª o que pensamos do artigo, em que v. ex.ª se julga injuriado.

O referido artigo, perante o brioso e bem conhecido caracter de v. ex.ª, dadas as tradições do *Campeão das Provincias*, em que foi publicado, e outros factos originados na questão que o provocou, é para nós ponto de fé, ter por fim comprometter a v. ex.ª, na situação especial em que se acha. Esperam comprometter a v. ex.ª sem tomarem a responsabilidade do que escrevem. N'estes termos achamos conveniente que v. ex.ª, a querer persistir no proposito d'exigir reparações ao auctor do artigo, se habilite previamente a proceder liberto dos compromissos inherentes á sua situação especial de militar.

De v. ex.ª

Mt.º att.º ven.º e am.º obg.ººº

Aveiro, 14 de outubro de 1888.

Antonio da Silva Pereira.
Francisco Augusto da Fonseca Regalla.

Como se vê, esta carta representa a maior affronta que se pôde fazer a um homem de bem. Mas como José Eduardo d'Almeida Vilhena e José Maria Barbosa de Magalhães nunca foram senão dois canalhas, ficaram impassiveis e serenos.

O sr. Christo, em harmonia com as opiniões dos dois cavalleiros encarregados por elle de liquidar a pendencia, pediu a inactividade para poder livremente esbofetear o Vilhena. Não lh'a dêram. E então o nosso amigo prometteu, no mesmo n.º 354 d'este semanario, aquecer a face alvar d'aquelle miseravel onde quer que o encontrasse e fosse em que epocha fosse.

Chegou a occasião na segunda feira da semana que hontem findou, 18 do corrente. O sr. Christo encontrou o dicto Vilhena em Lisboa e esbofetou-o em pleno Chiado.

Os leitores fazem-nos a justiça de suppôr que não falaríamos n'este conflicto, se circumstancias extraordinarias não nos obrigassem a isso. Seria indigno de nós vir fazer alarde do caso, e contrario a todos os principios de cavalheirismo.

A circumstancia que nos forçou a abandonar essa reserva foi uma correspondencia publicada no jornal do referido Vilhena e escrita por elle mesmo. Nós já sabiamos quanto o homem era desprezivel e indigno. Mas archipulha e ultra-canalha como é não o suppunhamos. Francamente o confessamos.

Quando ha um conflicto da natureza d'aquelle a que nos estamos referindo, nunca um dos contendores vem falar n'elle no seu jornal. Ou se julga desaggravado, ou não se julga. Em caso affirmativo, fica-se calado e em paz com a sua consciencia. Em caso contrario, procura os meios que ficam abertos a todos os homens de bem.

Só um garoto, ou um canalha

procede d'outro modo. E d'este modo procedeu José Eduardo de Almeida Vilhena.

Na correspondencia de Lisboa para o *Campeão das Provincias*, de 20 do corrente, conta e canta José Eduardo d'Almeida Vilhena as suas proezas e as suas valentias. Felizmente que quasi todo o mundo conhece de longa data uma coisa e outra! Os que sabem do heroe, ter-se-hão rido uns das farofias do miseravel, indignado outros com o requinte de cynismo e de infamia n'aquelle bandalho. Para os que não sabem, estamos nós contando os factos serenamente e mal dominando o tedio profundo que nos invade.

O sr. Christo descia o Chiado distrahidamente, quando lhe pareceu passar ao lado um sujeito conhecido. Olhou para traz repentinamente e conheceu o Vilhena. Deu logo meia duzia de passos em seu seguimento. Bateu-lhe no hombro; Vilhena voltou-se para traz.

— Conhece-me, perguntou-lhe o sr. Christo?

— Não senhor, replicou Vilhena.

— Não me conhece?!

— Não senhor.

— Mas insulta-me!

— E o sr., tornou Vilhena agastado, não insulta todo o mundo?

— Ah, então já me conhece, replicou o sr. Christo. E levantando a mão assentou-lhe uma sonora bofetada. Repetiu-lhe segunda. Ao mesmo tempo Vilhena levantou o guarda-chuva e deu com elle na cabeça do sr. Christo. Este sr. limitou-se a agarrar-l'o para o não deixar fazer uso do guarda-chuva, levou-o adiante de si uma duzia de passos, atirou-o contra o balcão d'uma loja, e do balcão para cima d'uma montre, cujos vidros cahiram em pedaços. Ahi terminou o conflicto, reparando o sr. Christo que estava arranhado no nariz e na testa, arranhados ahi insignificatissimos, e que Vilhena lhe fez provavelmente quando foi atirado contra o balcão, onde o conflicto se demorou talvez meio minuto e onde Vilhena conseguiu por um instante desembarçar uma das mãos. Como se sabe, os covardes não tem senão pés para fugir e unhas para arranhar. Lucte o homem mais valente com uma mulher. Depressa a esmaga, mas veja lá se conseguiu livrar-se das unhas d'ella!

Tudo isto, repetimos, vem a proposito da correspondencia do *Campeão*, onde o canalha pretendeu deprimir o sr. Christo e exaltar a sua valentia. D'outra forma não diríamos uma palavra. E se o canalha não tem a estas horas a cabeça partida, depois da correspondencia, para não ser farrão, é porque d'esse modo, não só o sr. Christo desceria ás condições de rapaz d'escola ou de marialva toureiro, como iria para muita gente justificar as mentiras do biltre.

De resto, a questão fica n'este pé.

Primeiro. O nosso amigo Christo pretendia simplesmente, como declarou n'este semanario e como ha muito declarava aos seus amigos, affrontar o Vilhena como verdadeiro biltre que é. E como não existe affronta maior do que uma bofetada, o sr. Christo esbofetou o Vilhena.

Não lhe pretendia bater, nem maltratar rudemente. Se o pretendesse, não lhe seria difficil fazê-lo. Ninguém, que conheça o Vilhena, duvidará d'isso. Quem sabe dar uma bofetada, sabe dar um murro nos olhos, murro que impossibilita desde logo o adversario. Não o deu o nosso amigo, porque além de não representar a affronta que representa a bofetada, é uma covardia parecendo coragem. E o nosso amigo poderá ficar muito ferido nas suas contendas, mas nunca praticou, nem praticará covardias.

Segundo. O sr. Christo não ficou com o rosto coberto de sangue, nem cousa que se parecesse com isso. A quem não nos

acreditar é-lhe facil verificar a verdade pelo auto da policia, onde o respectivo medico classificou os ferimentos do sr. Christo de leve escoriação na testa e arranhadura no nariz (textual.) Logo, por esse testemunho insuspeito, não passaram das unhas as heroicidades do Vilhena!

Terceiro. Para o sr. Christo não seria desdouro nenhum, antes seria naturalissimo, que lhe quebrassem a cabeça ou a cara. O acto moral, em si, estava em o sr. Christo saber que lhe podia precisamente acontecer isso. Sabendo que lhe podia acontecer isso e sujeitando-se a isso, é que praticou o acto louvavel e corajoso na sua essencia. Logo, Vilhena além de canalha é ridiculo julgando desprestijiar o sr. Christo com as suas baboseiras. O sr. Christo procedeu como todos os homens dignos. Morto que ficasse! Nem por isso o seu brio ou a sua dignidade soffriam.

Quarto. Se Vilhena apregoa os ferimentos do sr. Christo para se desaggravar das bofetadas que levou, Vilhena errou. Vilhena sustenta que a lucta das ruas é selvagem. Vilhena quer ser homem de primeira sociedade. Logo a Vilhena illustre e aristocrata cabe a unica legislação applicavel a homens de tamanho tom, que é a legislação do duello. Ora pelos art.ºs 11, 12, 13, 14 e 19 do capitulo I do respectivo codigo, uma bofetada é um insulto de tal ordem que, *embora tenha havido a represalia immediata (textual) ficou sempre offendido aquelle que a levou e só fica desaggravado no campo da honra.*

Se Vilhena é tão valente, e tão ancho das suas heroicidades, porque não mandou as suas testemunhas a quem o esbofetou? Miseravel!

Emfim, para que se veja até onde chega a infamia d'este biltre, basta accrescentar-se que o miseravel declarou no auto, que a policia levantou, que tinha ferido o sr. Christo com uns ferros que este sr. levava n'um embrulho, e que elle, Vilhena, lhe tirou da mão.

Ora sabem os leitores que embrulho era esse? Era uma seringa de borracha, que o sr. Christo havia comprado meia hora antes na drogaria dos srs. *Azevedo & Filhos!* Que o digam os respectivos empregados d'esta casa, principalmente o sr. Francisco Gago de Souza que foi quem a vendeu áquelle nosso amigo.

Ora eis a que foram ter as verdades, as valentias e as heroicidades do miseravel. Como verdadeiro, tirou o embrulho da mão ao nosso amigo, (está claro que os embrulhos não eram dois, porque o nosso amigo não andava n'esse dia convertido em feira da ladra. Era só um!) deu-lhe com esse embrulho na cara e como o embrulho era de ferros, feriu-o. Ferimentos de seringa de borracha, é de ver! Como valente quasi que esmagava o sr. Christo. Não esqueça que era com a borracha. E como heroico, desaggravou-se com... um bufo de seringa!

Que todos os homens de bem apreciem e julguem este canalha.

OLIVEIRA MARRECA

A morte prostrou ha pouco o decano da democracia portugueza e grande luctador, Antonio de Oliveira Marreca.

O partido republicano veste luto pelo passamento do venerando ancião e lamenta com justo motivo a perda do que em vida deu os mais nobres exemplos de abnegação e civismo.

Oliveira Marreca destacava-se d'essa sucia de ambiciosos que por ahi pullulam e que ao mais leve aceno vendem convicções, ideias, tudo.

Era um caracter honesto, de convicções rigidas, acceitando jámais honrarias.

Amigos e adversarios respeitavam Oliveira Marreca.

A sua morte é por isso tanto mais sentida e os exemplos que nos legou dignos de serem imitados.

N'estas poucas palavras fica consignado o nosso profundo pesar pelo desapparecimento do lucidissimo espirito que a morte acaba de apagar aos 86 annos de idade.

OS LIBERAES PROGRESSISTAS

Sob este titulo escreve o nosso estimado collega *Os Debates*:

«Um papelorio réles que se publica em Aveiro, o tal que o sr. José Luciano disse ser alimentado pelos cofres da policia secreta, e que entretanto é hoje órgão dos conselheiros privados do mesmo sr. José Luciano, prometia hontem, descaradamente, uma grande desordem no comicio que os liberaes de Aveiro vão realizar.

«Assim, declaramos muito categoricamente, que se tal comicio se fizer, o que não cremos, lá iremos, todos que tem brio e dignidade, correr a pontapés esses farçantes que por ahi andam babando com raiva as calçadas da nossa terra.

Das outras vezes, quando ahi se fizeram outros comicios ridiculos, desprezamos-os; e como estava então á frente da administração do districto o sr. conselheiro Manuel Firmino, nosso respeitavel amigo e nobre chefe, a quem cumpria a manutenção da ordem publica, não quizemos perturbal-a, para não comprometter a responsabilidade official d'esse distincto funcionario.

Mas agora, que essa circumstancia se não dá; agora que não temos o mesmo motivo para cooperar na manutenção da ordem publica, estamos dispostos a fazermos justiça por nossa propria força e auctoridade, atirando para as valletas do enxuro essa meia duzia de mandrins sem vergonha nem educação.

Fiquem-nos assim entendendo. Elles e a auctoridade publica.»

Este papelorio é o tal protegido pelos **Brandões e quantos cannibae abrirem a bolsa para saciar as ambições d'aquelles bandidos da penna**, como muito bem disse d'elles o sr. presidente do conselho.

Por consequente não tem imputação nas babozeiras que supõe insultos.

Os que tem brio e dignidade, os ditos que no dizer do tal hão de ir aos comicios correr os farçantes a pontapés, são os que negaram a assignatura em documentos publicos, os que foram condemnados por má fé nos tribunaes, os que recebiam 50,000 réis mensaes dos cofres da policia secreta, como o *Povo de Aveiro* e o sr. José Luciano de Castro já de sobejo provaram. Portanto, a imputação d'elles é a mesma que a do papelorio.

Ora agora o caso é que é outro. Em primeiro lugar é espantosa a declaração, feita por um jornal de que é director o director do órgão semi-official do governo, de que a gente progressista, esta liberal gente que nos manda, ha de ir aos comicios, esse grande elemento do progresso democratico, dissolver-os pela força.

Note-se que não dizem que vão lá discutir ou contestar os adversarios. Dizem que vão lá fazer desordem e previnem d'isso, primeiramente, a auctoridade!

Mas onde estamos nós? Pois a imprensa liberal não vê isto?

Pois a insolência d'elles e a fraqueza nossa já chegon a tanto?

Isto por um lado, e por este, embora os homens não tenham intenção nenhuma de fazer o que

dizem, já diz-o representa uma insolência e um atrevimento sem nome, que carecem de um correctivo severo.

Por outro lado, se não tem resolução nenhuma de ir ao comicio provocar desordem, e de lá ir não são elles capazes, o fim, com aquellas ameaças, é dar pretexto á auctoridade para não consentir o comicio.

Chegará o arrojo das auctoridades d'Aveiro a esse ponto?

Veremos.

Mas as questões d'Aveiro estão representando um attentado insolentissimo a todos os direitos e regalias nacionaes.

E' preciso varrer o bando de salteadores que infestam aquella cidade ou fustigar com elles, incessantemente, a cara do governo.

Pelo nosso lado, vamos tratar essas questões muito a sério.»

Tem razão o collega. E' um expediente torpe de que os bandidos lançaram mão. Porque, quanto a irem aos comicios... de grillo!

Não é para elles.

Dizia na quinta-feira o nosso collega *Districto de Aveiro* que o sr. Christo é, na ordem chronologica, o decimo individuo que esfrega a cara do Zé Forqueta.

Ora vejam a vergonha d'este malandro! Por isso elle anda muito contente por não lhe terem quebrado as costellas em lugar de lhe terem esbofetado a cara. E' verdade que o sr. Christo não o esbofetou por elle, que do figurão já não havia a esperar cousa nenhuma. Esbofetou-o pelo proprio decoro do nosso amigo e para acabar de mostrar ao publico até onde chega a baixaza de caracter do immundo Zé Forqueta.

Um miseravel. Para qualquer homem digno, a suprema affronta consiste em que lhe roçem uma luva pela cara ou lh'a atirem aos pés. Basta isso. Para o malandro de que estamos tratando não existem affrontas. Só existe o medo! Se lhe partirem as costellas, *elle tem medo*. Se lhe cuspirem no rosto ou o esbofetarem, *elle não tem vergonha*. E então, claro é, fica-se contente e muito senhor de si. E julga-se não só desaggravado, mas até *triumphante*, se consegue agatannhar quem lhe dirige a maior affronta que se póde dirigir a um homem.

Nos codigos do duello, julga-se a bofetada tão affrontosa que quem a leva é considerado sempre offendido, como n'outro lugar dizemos, embora use de represalias immediatas, e a sociedade só admite o desaggravamento chamado campo da honra.

O brio popular tanto pensa da mesma forma, que é conhecido e sabido aquelle dicto:—*bofetada, mão cortada*. Isto é, para o povo só uma represalia á *outrance* póde corresponder ao insulto affrontoso da bofetada. Pois José Eduardo d'Almeida Vilhena dá uma unhada no seu insultador, e não só se julga desaffrontado, como se gaba ainda em cima! Se elle tivesse feito alguma cousa com geito não se gabava. Elle que se gaba, é porque a consciencia lhe doe.

Repetimos o que fica dicto n'outro lugar:—nós julgavamo-l'o muito pulha. Mas tanto, não! Tão infame, aquelle caracter, que até vae declarar, para impór de valente, como declarou perante a justiça, que tinha ferido o sr. Christo com uns ferros que este sr. levava na mão, quando os taes ferros não passavam d'uma seringa de borracha, como nós provaremos com testemunho auctorizado e insuspeito, se fór preciso! Prova unicamente conveniente para o publico avaliar de todo a sujidade d'aquelle caracter. Porque, de resto, podia o sr. Christo ficar até esmigalhado, que a sua honra e a sua dignidade ficavam completamente salvas. Es-

sas coisas nunca importam a um homem de brio, nem um homem de brio fala de taes coisas.

Mas bem. Para castigar a insolencia e a infamia d'aquelle biltre, que não tem vergonha e só recua deante d'uma carga de pau, já elle a estas horas teria a cabeça partida, se a occasião não fosse impropria e ridicula. Mas com um miseravel de tal ordem occasiões não faltam.

Ficas prevenido, Zé Forqueta, e tu bem sabes que não costumamos prometter do balde. Se reclamares uma carga de pau, has de tê-la, já que vergonha para ti não serve. E então, com uma bengala, nem ficarás com os ossos em termos de cantar, nem has de cantar arranhaduras, porque nós te cortaremos as unhas. Ora deixa estar!

E depois, claro é que o biltre saberá calar-se e seguir todas as praxes jornalisticas e principios de cavalheirismo não vindo para o seu jornal falar em coisas d'estas.

Não te esqueças, ouviste? Olha que nós nunca promette-mos do balde. E tu bem o sabes já por experiencia propria.

A que vergonhas este biltre desce!

Carta da Bairrada

Março, 22.

Quem escreve estas linhas, honrando-se de nunca ter pertencido senão a um unico partido—o partido republicano, onde jurou bandeiras ha justamente treze annos, não póde deixar de consignar n'estas cartas, feitas ao correr da penna, a manifestação do seu pesar pelo fallecimento de um dos vultos mais sympathicos e mais dignos do movimento democratico em Portugal desde 1848 a esta parte. Queremos referir-nos a Antonio de Oliveira Marreca, fallecido esta semana em Lisboa, considerado o decano dos republicanos portuguezes e um dos poucos homens publicos cuja ansteridade de caracter foi sempre respeitada por amigos e adversarios. O notavel ancião exercera uma energica propaganda a favor da causa democratica desde que sahio dos bancos das escolas e foi até aos 86 annos, até á morte, d'uma rigidez e coherencia de principios que contrastam singularmente com as apostasias e incorrecções dos que hoje, atropellando a dignidade e o brio de homens, prenhes de ambição, renegam o que hontem defendiam e conspurcam o que hontem exaltavam.

Antonio de Oliveira Marreca morreu, deixando um brilhante exemplo de isenção e coherencia, que ha de tornar inalteravelmente sympathico e respeitado o seu perfil distincto junto do livro famoso onde se escreveu a historia do moderno movimento republicano em Portugal. Exercendo pelas suas aptidões cargos importantes, professor de economia, deputado, director da Imprensa Nacional e guarda-mór da Torre do Tombo, a sua longa e laboriosa vida de funcionario, de publicista, de politico, de homem de letras, assignalou-se sempre por uma hombridade propria d'un caracter sem macula, consequente, abnegado, prestimoso e de bom conselho. Serviu lealmente o seu paiz e o seu partido, e n'isto fez consistir a unica gloria do seu nome illustre e da sua consciencia impolluta. Morreu pobre e honrado!

A ultima vez que estivemos com Antonio de Oliveira Marreca foi em Lisboa, a 24 de dezembro de 1882, no banquete politico offerecido a Manuel d'Arriaga, solemnizando o triumpho da sua eleição de deputado pela Madeira. O veneravel ancião presidira a esta festa ruidosa com que o partido republicano portuguez saudara o patriotismo dos eleitores da Madeira, mandando pela

primeira vez ao parlamento um deputado talentoso, alheio dos corrilhos monarchicos e adverso ao systema de corrupção, de esbanjamentos, de delapidações que constitue a arma mais saliente do moderno constitucionalismo.

Antonio de Oliveira Marreca já estava acabrunhado pelos annos e pela doença; no entretanto ouvimo-lo ainda com voz firme romper os brindes consagrados á festa republicana de que eram alvo a Madeira e o deputado eleito; ouvimo-lo afirmar mais uma vez as suas convicções abertamente democraticas e podémos observar que as poucas palavras proferidas pelo velho luctador emocionaram os convivas, fizeram estremer de respeito e de coragem todos os novos que assistiram áquella festa que ainda hoje se nos representa á vista com o brilhantismo e imponencia de uma das mais significativas manifestações da vitalidade e cohesão do partido republicano portuguez.

Que descance em paz o velho luctador que cedo começou a pugnar pelos principios liberaes mais avançados e que bem cedo abraçou o credo republicano que constitue o nosso ideal politico. Que o reverbera da sua propaganda como correligionario e das suas virtudes como homem fructifique, junto dos que partilham do mesmo ideal de justiça e liberdade, e que a memoria de Antonio de Oliveira Marreca já-mais seja olvidada pelo partido a que elle devotou os seus talentos, a sua abnegação e o seu exemplo.

Noticiario

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

Estão ahi já todos os negociantes que concorrem á feira de Março. O mercado abre hoje e não amanhã, como era costume, e como nós erradamente havíamos dito.

E' de crêr que n'estes dois dias se façam importantes transacções.

Varios jornaes teem publicação agora a seguinte noticia, subborlinada á epigraphe *Mina de petroleo*:

«Estando a abrir-se um poço em Aveiro, encontrou-se uma grande veia de petroleo.

O primeiro petroleo que foi extrahido e foi experimentado é muito turvo, mas arde com toda a facilidade.

Já se está fazendo um poço especial de exploração para procurar o veio central do fillo.»

Dá vontade de rir!
Pois fiquem sabendo que em Aveiro não ha nenhuma mina de petroleo. Pois se a cidade está quasi sempre ás escuras a ponto de se andar muitas vezes ás apalpadellas! De dinheiro é que teem apparecido algumas minas, mas essas teem bons exploradores.

A tal mina de petroleo não passou de uma grande *pêta* carnavalesca que enguliram e nada mais.

Lá como a coisa transpirou tão longe é que não sabemos.

Encontra-se ha dias em Aveiro o nosso estimado patricio e digno mestre de obras publicas em Castello de Paiva, o sr. Augusto da Maia Romão.

Perante uma diminuta concurrencia de espectadores, apresentou-se domingo no theatro Aveirense mister William, que em nada desmereceu a justa reputação de que vinha precedido.

Os trabalhos marcados no programma foram admiravelmente executados pelo celebre artista, mas o que mais interesse despertou no publico foi mister Wil-

liam engulir as espadas. E' maravilhoso e deixa o espectador de bocca aberta!

Em todos os seus exercicios, o sr. William foi justamente applaudido.

No proximo dia 28 dará o notavel artista outro espectáculo em Aveiro, em que exhibirá novos trabalhos. E' de crêr que seja mais concorrido que o de domingo. Os logares marcam-se no estabelecimento do sr. Francisco Elias dos Santos Gamellas, aos Balcões.

No dia 5 do proximo mez de abril termina o prazo para a entrega de requerimentos dos individuos que pretendam fazer exame de admissão aos lyceus.

As festas que deverão realizar-se em Paris por occasião da exposição universal promettem ser deslumbrantes. N'uma reunião dos diferentes ministros, effectuada no ministerio do commercio e industria, tratou-se já da organização d'essas festas, que comprehenderão:

1.º As que o governo se propõe celebrar, em commemoração dos acontecimentos que precederam e acompanharam a revolução de 1789.

2.º As que se referem propriamente á organização da exposição.

3.º As que a municipalidade de Versailles se propõe organizar para festejar os acontecimentos dados n'aquella cidade.

A inauguração da exposição terá logar no dia 6 de maio. Por essa occasião effectuar-se-ha a inauguração d'um monumento, devido a M. Dalou, o qual representa o triumpho da Republica e será collocado no centro da praça da Nação.

Parece que vão ser extinctas as actuaes companhias de correção militares, sendo substituidas por batalhões disciplinares, com organização identica aos que existem em Hespanha.

A companhia Dallot já esta semana tem dado variados espectáculos no barracão construido no Rocio, a que não tem faltado concurrencia.

O desempenho tem agradado muitissimo. Não se pôde exigir mais d'uma companhia de feira, onde se encontram artistas de bastante habilidade e que bem aproveitados dariam bons actores.

O publico tem gostado dos espectáculos e não é por isso escasso em applausos, sahindo de lá muito satisfeito.

E Dallot esfrega as mãos de contente. Podéra!

Consta que se descobriu um roubo no convento das Grillas, em Lisboa, e indigita-se como auctor um tal padre Theotónio José Figueiredo da Costa.

Pôde o masmarro contar com a impunidade...

A todos os governadores civis acaba de ser determinado o cumprimento rigoroso das leis tendentes a obstar á emigração clandestina. As principaes disposições recommendadas são:

Verificação da identidade dos emigrantes, tanto na concessão dos passaportes, como nas visitas policiaes a bordo dos navios que os transportarem;

Exigencia da resalva dos emigrantes e verificação dos signaes que estejam exarados nos documentos;

Investigação de quem sejam os implicados em qualquer delicto de emigração que se descubra;

Clara definição das condições em que são permittidas as agencias de emigração;

Não consentimento de recrutar emigrantes sem prévia autorisação, concedida em vista de fiança idonea;

Inquirição dos emigrantes acerca da espontaneidade do seu

proceder, procurando dissuadi-los da emigração e fazendo-lhes ver os riscos a que vão sujeitar-se; Publicidade das noticias acerca do transporte e ulterior destino dos colonos emigrantes;

Inspeção rigorosa dos navios que se destinarem ao transporte de colonos ou emigrantes.

Refere a *Verdade*, de Thomar, que o padre Joaquim Gomes de Jesus, sub-inspector escolar d'aquella circulo, no intuito de chamar a si a rapaziada, fizera uma importante encomenda de piões a um torneiro d'aquella cidade, a fim de distribuir pelos rapazes que lhe andarem mais a jeito.

E' cada um!... Também jogará o pião com as creanças, o reverendo?

Revista de Portugal

Temos presente o programma d'esta nova publicação dirigida pelo sr. Eça de Queiroz e collaborada por grande numero dos nossos mais distinctos escriptores.

Damos em seguida o summa-rio das secções da *Revista de Portugal*:

I—Actualidades. Biographias.
II—Romances. Contos (originaes).
III—Historia, Philosophia, Exegese, Philologia, Economia, Pedagogia: Sciencias naturaes.

IV—Poesia.
V—Agricultura, Economia rural, Hygiene: Legislação, Administração: Serviços publicos: assumptos coloniaes, militares e navaes.

VI—Critica Litteraria: Historia Litteraria: Arte, Esthetica.

VII—Litteratura estrangeira (Romance, Drama, Memorias, Correspondencias).

VIII—O movimento de Paris, Londres, Madrid, Berlim, Roma, Rio de Janeiro: Viagens, Missões, Explorações.

IX—Chronica do Luxo e da Moda: Notas do Mez: Sociedades e Costumes: Theatro.

X—Chronica politica.
XI—Chronica financeira.
XII—Lettre pour L'Etranger.

A *Revista de Portugal* é publicada no 1.º de cada mez, n'um volume de 130 a 150 paginas, custando a assignatura para Portugal e ilhas adjacentes a quantia de 6\$000 réis por anno, 3\$200 por semestre e 1\$700 por trimestre. Cada numero avulso custa 500 réis e pelo correio 540.

São editores d'esta publicação os srs. Lugan & Genelioux, que recebem assignaturas no Porto, bem como todas as livrarias de Portugal e do estrangeiro.

Em Thomar, um patife d'um padrecia perguntou no confissionario a uma mulher casada e honesta se tinha a certeza de serem do seu marido todos os fillos que tinha!

E' pasmoso!
Mas que refinadissimo maroto, que teve o arrojo e a pouca vergonha de fazer semelhante pergunta a uma mulher casada!

Então não seria justo que lhe arrancassem a lingua e lhe applicassem no lombo meia duzia de bastonadas que o deixassem a escorrer?...
Ora o tratante!

E, depois d'isto, os devotos que não se esqueçam de ir á confissão...

A classe operaria conta mais um semanario a advogar os seus interesses. Chama-se o *Operariado* e publica-se na Figueira da Foz.

O primeiro numero, onde collaboram rapazes de talento, traz o retrato do mallogrado poeta-operario Adelino Veiga.

Desejamos ao *Operariado* uma vida desaffogada e que elle encontre na classe a que é destinado o mais franco apoio e protecção.

Em Leiria appareceu um novo jornal com o titulo *A Opinião*. Agradecemos a sua visita e vamos estabelecer a troca.

O *Commercio do Minho*, de Braga, publicava ha pouco a seguinte noticia:

«Está em 2.055\$386 réis a collecta para o *dinheiro de S. Pedro*, aberta.»

No mesmo jornal, mais abaixo, lia-se isto:

«Antonio Joaquim Novaes, ou- rives, morador actualmente na rua de Santa Maria n.º 4, acha-se ha 9 mezes gravemente doente, com molestia pulmonar, e ha já 21 dias que não se levanta da cama.

Foi sacramentado quarta-feira passada e está morrendo á necessidade.»

E'dificante confronto! Emquanto este e outros desgraçados morrem á necessidade, os bracarenses não cessam de enviar grossas quantias ao papa, o *prisioneiro* a quem nada falta e que vive na maior opulencia!...

E' justo. Braga não podia fazer o contrario.

Varias noticias

Na administração do concelho de Abrantes vae registrar-se civilmente o nascimento d'uma filhinha d'um emigrado hespanhol, empregado na construcção do caminho de ferro da Beira Baixa.

Por falta de candidato não se realizou ha pouco, em Nimes, uma eleição para conselheiro municipal.

E' tal o medo que o governo da colonia ingleza de Victoria, na Australia, tem á hydrophobia, que não permite a introdução de cães no territorio. Assim, em Melbourne, que tem uma população de 300:000 almas, não ha um unico cão.

Segundo o recenseamento ha pouco concluido, a população do concelho da Povoa de Varzim é de 23:914 habitantes, sendo 11:423 do sexo masculino e 12:491 do feminino.

Consta que se vae instalar em Chaves um pombal militar.

Um engenheiro russo, enviado em missão especial á Asia Central, diz que os poços de petroleo de Penjakend, perto de Samarkand, conteem, pelo menos, 9:000 milhões de libras de petroleo puro.

No dia 22 do proximo mez de abril abre em Lisboa um congresso juridico.

As senhoras francezas, aggre- miadas na Sociedade da Cruz Vermelha, realisaram ultimamente um bazar de caridade, cuja receita, destinada áquella associação, passou de dez contos.

O dr. Dreckmann, de Diessenburg, diz ter radicalmente curado um caso de *lepra mutilante* pelo methodo de Unna, o qual consiste no uso dos acidos pyrogathico e chrysarobico.

Em Porto de Moz está-se construindo um theatro, que deve ser inaugurado no proximo domingo de Paschoa.

Refere um jornal francez que na aldeia de Saint-Jean-de-Mont (Vendée) existe uma creança do sexo feminino, com a idade de onze mezes, que pesa nada menos de 40 kilos. A sua estatura é a de uma rapariga de doze annos.

Em um logar da freguezia do Becco, concelho de Ferreira do Zezere, uma mulher deu á luz uma creança hermaphrodita.

Em Carmo do Rio Verde, Pará, fundou-se um club republicano, inscrevendo-se como socios grande numero de cavalheiros e senhoras.

A pedido da colonia luso-hispanica vae fundar-se em Buenos Ayres uma igreja destinada ao culto israelita.

Devem figurar na exposição universal de Paris todos os quadros de auctores hespanhoes per-

tinentes ao senado e que caibam no espaço concedido a Hespanha.

Publicações

MYSTERIOS DAS GALÈS.— Sahin o 14.º fasciculo d'este excellent romance de Jules Boulabert, editado pelos srs. Belem & C.ª, de Lisboa.

O MUNDO ELEGANTE.—Recebemos o n.º 11, do terceiro anno, d'este magnifico jornal de modas, elegancia e bom tom. Publica-se em Paris.

OS AMORES DO ASSASSINO.—Está publicado o fasciculo n.º 61 d'este bello romance de M. Jougand e editado pelos srs. Belem & C.ª

REVISTA DE CONHECIMENTOS UTEIS.— Summario do numero 42:

A educação da mulher; As chammadas do sol; O aço; O aerostato do padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão; Os homens bons; Mungidura das vaccas; Em que trabalha Edison?; Assucar de batata; Para endurecer a cal; Os perfumes; Barometro original; Glossographo; Superficie das nossas colonias; Arvores annosas; Passagem subterranea; As castanhas; O aluminio; Bolos para chá; A industria do coral na Italia; O phonographo.

O RECREIO.—Está publicado o n.º 5 da 7.ª série, contendo:

Chronica, Guilherme Rodrigues; A Litteratura, Azevedo Coutinho; Auras do Tejo, Flavio Constante; Imperadores romanos, Raul Bramão; A minha estrella, Illydio de Carvalho; A experiencia inutil, Théla; Ao anniversario natalicio, D. Anna Netto; Desejos, José Fernandes de Mattos; O sr. Ximenes, F. A. de Mattos; O futuro, M. Madeira Telles; Album egnimatico.

Cada série d'esta revista contendo 26 numeros, fórma um volume completamente independente, e custa apenas 580.

Assigna-se na rua Nova de S. Mamede, 26—Lisboa.

A ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA.— Recebemos o n.º 27 do 5.º anno, d'esta revista litteraria e artistica.

Vinho Nutritivo de Carne

Observações medicas feitas com a sua applicação:

Augusto Sebastião Guerra, medico-cirurgião formado pela escola do Porto, etc.

Attesto que o *Vinho Nutritivo de Carne*, preparado por Pedro Augusto Franco, é pelo seu sabor agradável de facil administração a todos os doentes que d'elle precisem, e pelos seus efeitos, muito aproveitavel em varias affecções, especialmente nos estados anemicos, derivados de perturbações gastricas.

Porto, 26 de novembro de 1883.

Augusto Sebastião Guerra.
(Segue-se o reconhecimento.)

Annuncios

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approved por decreto de 27 de julho de 1886. Precedido do respectivo re-latorio e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmoCodigo, publicada até hoje, incluindo os regulamentos para o serviço dos expositos e abandonados, e a arrecadação dos impostos directos e indirectos municipaes e parochiaes, e a tabella dos emolumentos do Supremo Tribunal Administrativo, seguido de um repertorio alphabetico.

QUINTA EDIÇÃO

Preço, brochado, 300 réis; encadernado, 460 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES
MACHINAS DE COSER

DA

Companhia Fabril SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA DE OURO

E' esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da SÓLIDA CONSTRUÇÃO E PERFEIÇÃO DE TRABALHO das suas machinas de costura.

A prestações de 500 réis semanaes e a dinheiro com grande desconto

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL SINGER

75 - RUA DE JOSÉ ESTEVÃO - 79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTOS

EDIÇÃO PORTATIL

DO

CODIGO COMMERCIAL

Approvado por carta da lei de 28 de junho de 1888. (Sem re-
pertorio alphabetico nem relatorio)

PREÇO brochado, 100 réis; encader-
nado, 180 réis. Pelo correio, franco
de porte, a quem enviar a sua impor-
tancia em estampilhas ou vales do cor-
reio á livraria CRUZ COUTINHO, rua
dos Caldeireiros e 1820—Porto.

BIBLIOTHECA ANTI-JESUITICA

O que é a Missa

QUE É A MISSA, primeiro livro da
série que a Bibliotheca Anti-Jesuitica
tenciona publicar, todos destinados
a orientar o espirito publico sobre o
verdadeiro christianismo tal qual o ins-
tituiu o seu glorioso fundador.

Um volume de 100 pag., 100 réis.

Porto—Caldeireiros, 43

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio
na rua do Arsenal, 58 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S.
Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e
ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento
de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta re-
gistrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos de-
vem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas
tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas
na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos parti-
culares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio
e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo
os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á
vespera de se effectuar o sorteio. E' negocio em que ha tudo
a ganhar e nada a perder!

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maio-
res de réis 8:000.000.

Bilhetes a 4800 réis; meios bilhetes a 2400; quartos a 1200;
oitavos a 600; e cautellas a 520, 410, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45
e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem nego-
ciar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licença
que nas provincias é de 12500 réis por um anno (365
dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no
Diario do Governo de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se
a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo
particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

56 - RUA DO ARSENAL - 64

LISBOA



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo go-
verno e approvedo pela junta
consultiva de saude publica de
Portugal e pela Inspectoria Ge-
ral de Hygiene da corte do Rio
de Janeiro.

É o melhor tonico nutritivo que se co-
nhece: é muito digestivo, fortificante
e reconstituinte. Sob a sua influencia
de desenvolve-se rapidamente o appetite,
enriquece-se o sangue, fortalecem-se os
musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito
nos estomagos ainda os mais debéis,
para combater as digestões tardias e la-
boriosas, a dispepsia, cardialgia, gas-
tro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção
dos orgãos, rachitismo, consumpção de
carnes, affecções escrophulosas, e em ge-
ral na convalescença de todas as doen-
ças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto
de cada comida, ou em caldo quando o
doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas mui-
to debéis, uma colher das de sopa de
cada vez; e para os adultos, duas ou tres
colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachi-
nhas, é um excellente «lunch» para as
pessoas fracas ou convalescentes; pre-
para o estomago para aceitar bem a
alimentação do jantar, e concluido elle,
toma-se igual porção ao «toasto», para
facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a
superioridade d'este vinho para comba-
ter a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envu-
lucros das garrafas devem conter o re-
tracto do auctor e o nome em peque-
nos circulos amarellos, marca que está
depositada em conformidade da lei de 4
de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes phar-
macias de Portugal e do estrangeiro. De-
posito geral na pharmacia Franco—Fi-
lhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e
drogaria medicinal de João Bernardo Ri-
beiro Junior.

NINHOS E OVOS

POR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 28 gravuras e 16 planchas colo-
ridas, representando 86 variedades de
ovos.—1 vol. br., 12000 réis. Pelo correio
franco de porte a quem enviar a sua im-
portancia em estampilhas ou vales do
correio á livraria Cruz Coutinho, edito-
ra, rua dos Caldeireiros, 18 e 20, Porto.

EDIÇÃO MONUMENTAL

Historia da Revolução Por- tugueza de 1820

Illustrada com os retratos
dos patriotas mais illustres
d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA
ASSIGNANTE

TEM sido distribuidos com a
maxima regularidade 33 fasci-
culos d'esta obra e o 2.º BRIN-
DE, trabalho de alto valor artísti-
co que mereceu os maiores elo-
gios dos competentes.

Já está concluido o primeiro
volume. As capas para a encader-
nação são feitas expressamente
para esta edição. A capa em se-
parado custa 500 réis.

Para os assignantes que pre-
ferirem receber a obra aos fasci-
culos, continúa aberta a assigna-
tura.

Editores LOPES & C.ª, succes-
sores de CLAVEL & C.ª—419, rua
de Almada, 123, Porto.

REGULAMENTO

DA

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

APPROVADO POR DECRETO DE 27
DE DEZEMBRO DE 1888

Com as respectivas tabellas

Emendado segundo os «Diarios
do Governo» n.ºs 3, 5 e 8

PREÇO 100 RÉIS

PELO correio franco de porte a quem
enviar a sua importancia em estam-
pilhas ou vales do correio á livraria
CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Cal-
deireiros, 18 e 20—Porto.

REMEDIOS DE AYER

Pectoral de cereja de Ayer
—O remedio mais seguro que ha
para curar a Tosse, Bronchite,
Asthma e Tuberculos pulmona-
res.

**Extracto composto de sal-
saparrilha de Ayer**—Para pu-
rificar o sangue, limpar o corpo e
cura radical das escrophulas.

**O remedio de Ayer contra
as sezões**—Febres intermitentes
e biliosas.

Todos os remedios que ficam
indicados são altamente concen-
trados de maneira que sahem ba-
ratos porque um vidro dura mui-
to tempo.

Pilulas catharticas de Ayer
—O melhor purgativo, suave, in-
teiramente vegetal.



VIGOR DO CABEL-
LO DE AYER —
Impede que o ca-
bello se torne
branco e restaura
ao cabello grisa-
lho a sua vitali-
dade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



E' um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com
agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra ner-
voso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito
a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para
meio copo de agua. Preço de cada frasco, 660 réis.

Os representantes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira,
127, 1.º, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que
as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES

para
desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodos
de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.



AGENCIA ECONOMICA MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES
EM TODAS AS COMPANHIAS,

PARA

PARA', MARANHÃO,
CEARA' E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE
JANEIRO, SANTOS E RIO
GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe
a 265000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se
passagens gratis.

Para informações e contrato de pas-
sagens, trata-se unicamente em Aveiro,
rua dos Mercadores, 19 a 23, com o cor-
respondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encar-
rega-se da liquidação de heranças e
quaesquer outros negocios em todo o
imperio do Brazil, mediante modica
comissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23,
em Aveiro, fazem-se guarda-soes de to-
das as qualidades, concertam-se e co-
brem-se com sedas nacionaes e outras
fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratis-
simos.

O Recreio

Revista semanal litteraria e chara-
distica. — 16 paginas, a duas
columnas, 20 réis

Correspondencia a João Romano Tor-
res, rua Nova de S. Mamede 26, 1.º
LISBOA.

SEXO FORTE

AS MULHERES DOS AMIGOS

2 vol. illustrados 600 réis

CAPITULOS — Um canalha; Um fias-
co; Por causa d'uma piúga; Sonho e rea-
lidade; Ir buscar lá; A cerveja ingleza;
Margot; Monomania do insulto; O filho;
A sogra em acção; Efeitos das dimen-
sões; Uma discipula de Niniche.

Vende-se na rua da Atalaya, n.º 18
— LISBOA.

O GENIO

Christianismo

POR

CHATEAUBRIAND

Tradução de Camillo Castello Branco
Revista por Augusto Soromenho

Quarta edição correcta, com 10 gravu-
ras a côr, e os retratos do auctor e
do traductor, reproduzidos pelo pho-
tographo sr. João Guilherme Peixoto.

2 gr. vol. in-8.º br.. 12300

Pelo correio franco de porte a quem
enviar a sua importancia em estam-
pilhas á livraria CRUZ COUTINHO, edito-
ra, rua dos Caldeireiros, 18 e 20 —
Porto.

BELEM & C.ª

Empresa editora—Serões Roman-
ticos—Cruz de Pau, Lisboa

MYS'TERIOS DAS GALÉS

Ultimo e o melhor romance
de Jules Boulabert

VEH-SÃO DE JULIO DE MAGALHÃES

Edição ornada com magnificas
GRAVURAS e excellentes CHROMOS
a finissimas cores

Brinde a todos os assignantes no
fim da obra — UM ALBUM DE
COIMBRA.

BRINDE EM OURO—1000000 réis em
tres premios da loteria de Madrid que
a empresa fixar, para o que cada assi-
gnante receberá opportunamente uma
cautella com cinco numeros.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; fo-
lhas de 8 paginas, 10 réis.

Sahirá em cadernetas semanaes de
4 folhas e uma estampa, ao preço de 50
réis, pagos no acto da entrega. O porte
para as provincias é á custa da em-
preza.

Cada volume brochado, 450 réis.